



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Revista Dinheiro Rural

Data: 08/11/2011

Link: <http://www.terra.com.br/revistadinheirorural/edicoes/84/>

Caderno / Página: - / -

Assunto: O talento entra em campo

FEIJÃO TRANSGÊNICO:
A Embrapa derrota o mosaico dourado

COOPERATIVAS:
Sem limites para a exportação

ARGENTINA:
A nova fronteira de Blairo Maggi

Dinheiro Rural

A REVISTA DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

GERAÇÃO NOTEBOOK:
A headhunter Carina Budin (à esq.) com os executivos Lucielma Holtz (Pfizer Saúde Animal), Stefan Mihailov (Phibro), Flávio Salvadego (Caep Brasil) e Miguel Cavalcanti (Beefpoint)

O talento entra em campo

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

OUTUBRO/2011
ANO 7
Nº 84
R\$ 10,90

A explosão do agronegócio atrai uma nova geração de executivos altamente qualificados, que está mudando os métodos de criação de animais e as tecnologias da produção de sementes e insumos, além de promover uma modernização na gestão das empresas agrícolas

Caça aos talentos

A explosão do agronegócio brasileiro fez surgir uma nova geração de profissionais no campo. Preparados e focados em resultados, eles lideraram a incorporação de novas tecnologias e a inovação na produção. Conheça, nas páginas seguintes, quem está fazendo a diferença, os melhores cursos de formação e o que é preciso para chegar lá



Carreira no campo: Stefan Mihailov (Phibro), Carina Budin (Asap), Lucielma Holtz (Pfizer), Flávio Salvadego (Caep) e Miguel Cavalcanti (Beefpoint) apostaram no agronegócio

Todos ao campo

O profissional do agronegócio evoluiu. Valorizados pelo aumento das exigências e por remuneração mais atraentes, eles estão na vanguarda da modernização do setor

Carlos Eduardo Valim

O capixaba Lúcio Cornachini ajudou a transformar a Lagoa da Serra, de Sertãozinho, no interior paulista, na maior central de genética animal do Brasil e depois embarcou no projeto da Agropecuária Santa Bárbara, onde é diretor das operações, que somam 500 mil cabeças de gado. O paulista Stefan Mihailov, atual diretor-geral da Phibro Animal Health no Brasil, liderou, quando comandava a área de negócios bovinos na Fort Dodge, o desenvolvimento de um besouro que traz benefícios para o meio ambiente e controla parasitas. O paulista Bernhard Kiep, vice-presidente da fabricante de máquinas e implementos agrícolas New Holland para a América Latina, fez uma carreira internacional que o levou a cuidar de operações em mais de 40 países. Já o enólogo gaúcho Mateus Valduga, de 28 anos, segue os passos de seu tataravô, o imigrante Marco Valduga, que desenvolveu a vitivinicultura no Vale dos Vinhedos em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, ao chegar da Itália em 1875. Valduga participa de um projeto da vinícola Villaggio Grando para estabelecer a produção de vinhos em Santa Catarina. Depois de publicar mais de 20 artigos científicos sobre animais confinados, o paulista Judson Vasconcelos abandonou uma bem-sucedida carreira acadêmica para, a partir da matriz da Elanco em Indiana, nos Estados Unidos, ajudar a modificar a cultura de vendas da empresa em todo o mundo. A paulista Lucielma Holtz ampliou as vendas de medicamentos para animais na Pfizer, em dez vezes, no Estado de São Paulo, o que lhe valeu a promoção a gerente de produto na unidade de aves, aos 31 anos. Por sua vez, o gaúcho Donário Lopes de Almeida, prestes a embarcar para um MBA nos Estados Unidos, abandonou o projeto pessoal para comandar o início das operações da ABS Global, no Brasil, multinacional americana, especializada em biotecnologia animal, com operações em mais de 70 países.

A despeito dos perfis, faixas etárias, trajetórias e formações diferentes, esses profissionais têm algo em comum. Eles representam o novo trabalhador do agronegócio brasileiro. Com a evolução do setor, sua profissionalização e a ascensão de empresas brasileiras, como a BR Foods, JBS, Marfrig e

Raízen, como players relevantes no mercado internacional, as exigências para os executivos do campo passaram a ser maiores. Hoje, o conhecimento técnico e tecnológico precisa combinar-se com uma forte capacidade de gestão, um arraigado espírito de equipe e doses cavalares de empreendedorismo, capazes de responder ao novo cenário global.

"O poder estava nas mãos das empresas. Agora, está nas dos executivos"

Jeffrey abrahams
Abrahams Executive Search



Aproveitando suas condições excepcionais de solo, topografia, clima, terra agricultável em abundância e população, o Brasil se tornou a maior referência mundial no agronegócio tropical. “Há uma década, quando se falava de agronegócio, havia uma associação direta com imagens negativas: atraso tecnológico, mão de obra não qualificada e dívidas. O agro era um mau negócio”, diz José Vicente Caixeta Filho, diretor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP). “A cultura era de abnegação no trabalho no campo, na qual, no fim, sempre se perdia dinheiro.” Agora, a premissa para iniciar qualquer negócio no setor é a sua possibilidade de rentabilidade. Essa evolução exigiu do agronegócio o mesmo nível de profissionalização já atingido por outros setores da economia brasileira, como a indústria e o setor de serviços. Na esteira dessa transformação desponta um profissional mais valorizado, tanto em suas atribuições quanto em termos de remuneração. Afinal, ele passou a ser disputado como nunca. **Atualmente, os salários desses gestores estão em paridade com os de seus colegas dos centros urbanos. Vão de R\$ 195 mil anuais para cargos de gerência a R\$ 700 mil na presidência.** “Nos últimos três anos, a remuneração subiu 30%. O aumento aconteceu principalmente na área sucroalcooleira”, diz o recrutador especializado em agronegócios Jeffrey Abrahams, da Abrahams Executive Search, de São Paulo. “O poder estava nas mãos das empresas. Agora, está nas dos executivos.”

	Origem: São Paulo
	Idade: 44 anos
	Graduação: comércio exterior pela State Business School, de Hamburgo, na Alemanha
	Pós-graduação: especialização na Harvard Business School, nos EUA
	Primeiro emprego: auxiliar de marinho
Bernhard Leisler Kiep	Cargo atual: vice-presidente da New Holland para a América Latina
Um feito: montou as operações da Valmont na China, Rússia, Ucrânia e no Paquistão	
Conselho: é preciso ser especialista, saber desde como a cotação da soja fechou na Bolsa de Chicago até ter o domínio sobre toda a cadeia produtiva de determinado produto, que compreende da produção à comercialização no varejo das grandes cidades	

Abrahams revela que, em 30 anos de atuação no setor, nunca viu nada como o que aconteceu recentemente no segmento de açúcar e etanol. “Foi uma consolidação mais rápida que a dos bancos na década de 1990”, diz. “Agora faltam pessoas para as grandes empresas resultantes desse processo.” O

segmentos sucroalcooleiro ilustra à perfeição a tese do consultor. A expectativa é de que será necessário criar entre 130 e 190 novas usinas de cana-de-açúcar até 2020, para atender à demanda brasileira. “Quem for bom para o agronegócio, será disputado a tapa”, diz Marcos Jank, presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). Outros nichos que criam bons empregos são a pecuária e os de máquinas, insumos, sementes, fertilizantes e defensivos químicos. Profissionais com conhecimento especializado, como pesquisadores, geneticistas e biotecnólogos, já são disputados a peso de ouro pelas empresas. Assim como quem entende de logística para o campo. Ainda mais valioso é o técnico que soma a expertise técnica à capacidade de gestão e se torna craque na arte de liderar equipes e profissionalizar empresas familiares. Há oportunidades em todos os lugares. “Hoje, existe muito emprego no interior de Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso”, diz Abrahams. Para atrair bons executivos para longe dos grandes centros, as empresas não têm outra alternativa senão investir em remunerações compatíveis, oferecendo pacotes que contenham salário e benefícios de primeira linha. “O grande problema é deslocar o profissional que se destaca nas grandes cidades”, afirma Carina Budin, sócia-gerente da consultoria de recrutamento Asap, de Campinas (SP). “Para conseguir isso, as empresas estão dispostas a pagar acima do mercado. As que não se adequam ficam com vagas em aberto.”

Origem: Presidente Prudente (SP)

Idade: 35 anos

Graduação: medicina veterinária na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Pós-graduação: mestrado e doutorado em nutrição de bovinos na Texas A&M University e pós-doutorado na Texas Tech, nos Estados Unidos



Primeiro emprego: consultor para produtores de gado confinado

Judson Vasconcelos

Cargo atual: consultor global de marketing técnico da Elanco

Um feito: publicou mais de 20 artigos científicos

Conselho: os mais jovens devem estudar nos EUA. É uma oportunidade única de conhecer um país que investe muito em pesquisa

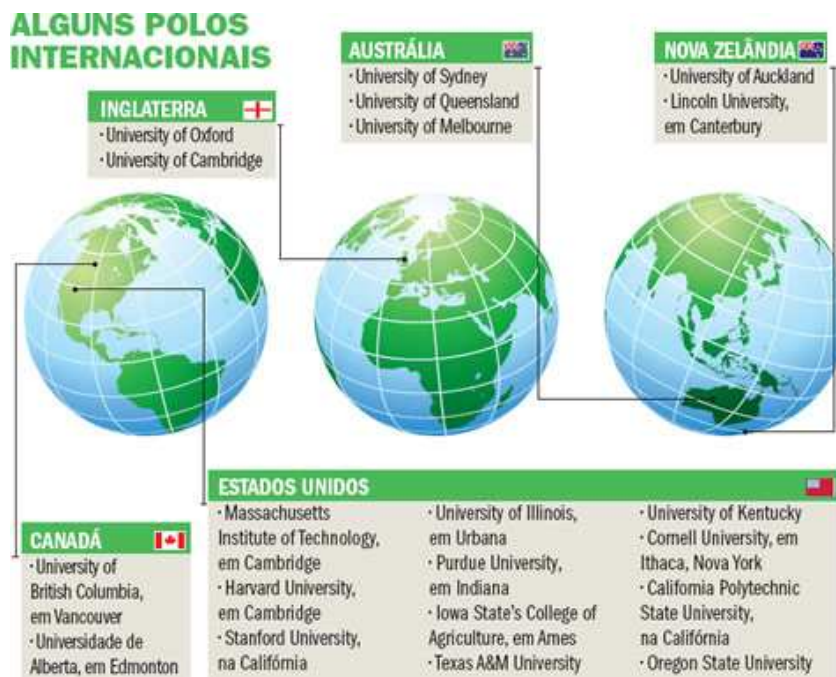
Forma-se gestor

Profissionais qualificados ainda são mercadoria escassa no agronegócio. Para dar conta da demanda, novos cursos, que combinam capacitação técnica e habilidades de gestão, estão surgindo no País

Carlos Eduardo Valim

Quando o então presidente americano John F. Kennedy propôs, nos anos 1960, a Aliança para o Progresso, uma espécie de Plano Marshall para a América Latina, o economista Celso Furtado afirmou que ela não funcionaria. Em sua argumentação Furtado defendia a ideia de que, na Europa do pós-guerra, o que havia sido destruído era o capital físico, mas o conhecimento e o capital humano tinham sido preservados. Para Furtado, na América Latina, esses dois ingredientes ainda estavam para ser construídos, num processo que costuma levar algumas gerações. Alberto Portugal, presidente da Embrapa de 1995 a 2003 e atual coordenador do núcleo de gestão em Agronegócio da Fundação Dom Cabral, utiliza esse exemplo para avaliar o momento do setor agropecuário no Brasil. Muito conhecimento

foi desenvolvido nos últimos tempos, mais ainda é insuficiente o número de profissionais com a formação adequada.



“O nosso grande desafio é gente qualificada”, afirma Portugal. “Temos de formar mais profissionais de competência técnica, mas que, ao mesmo tempo, tenham visão estratégica.” Portugal tem a missão de colaborar com parte desse esforço, ao estruturar o núcleo de Agronegócios, criado em fevereiro deste ano pela Dom Cabral. Mais conhecida por seus programas de gestão e capacitação executiva, a escola mineira tem oferecido cursos sob encomenda. Mas já no próximo ano vai lançar o seu primeiro curso aberto para a formação de lideranças em Agronegócios. Dessa forma, a Dom Cabral segue os passos da FGV Management, que oferece em São Paulo um MBA em Gestão Estratégica do Agronegócio. Mesmo na mais tradicional formadora de agrônomos do interior paulista, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/ USP), ligada à Universidade de São Paulo, há um esforço de aproximar a academia das empresas. “Criamos um fórum de debates com gente do mercado, para sugerir reformulações de conteúdo”, diz José Vicente Caixeta Filho, diretor da Esalq. Em alguns pontos, os avanços podem ser sentidos. A Esalq já oferece disciplinas como logística, marketing e gestão de recursos humanos e ambiental.



Porém, a distância entre a formação tradicional e as capacitações para atuar no mercado ainda é larga. As faculdades de agronomia, veterinária e zootecnia contribuem com uma forte base técnica, mas estão longe de garantir as habilidades necessárias para fazer a gestão de estoques ou de uma propriedade

rural. Isso explica por que muitos profissionais de destaque no setor têm outra formação. Segundo o Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), 11,78% das empresas ligadas ao agronegócio listadas na Bovespa têm advogados na direção e 17,5%, nos conselhos de administração. **Como se não bastasse, uma série de novas posições está surgindo e deve atrair mais profissionais de fora do agronegócio. “Há posições hoje que nem existiam em 2009”**, diz Mauro Lopes, pesquisador do Centro de Economia Agrícola (CEA) da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.

Mas nada agrada mais aos altos executivos do que se cercar de pessoas que conheçam as peculiaridades técnicas do setor, como questões de safra, da cadeia de abastecimento e criação de animais. Para Stefan Mihailov, diretor-geral no Brasil da empresa de saúde animal Phibro, a formação técnica é primordial para escolher os seus colaboradores mais próximos. “Na minha experiência, é mais fácil desenvolver depois as habilidades de vendas e de liderança do que as técnicas”, diz. Percebendo isso, muitas empresas estruturaram universidades corporativas, como a Pfizer Saúde Animal. Dentro do plano de desenvolvimento individual para cada funcionário, ela busca aparar deficiências pessoais, como a capacidade de oratória. Outro foco é o dos cursos de línguas. Em especial, o inglês se tornou obrigatório.

CONTRACHEQUE REFORÇADO

Salários dos principais cargos executivos no agronegócio

Gerentes	- de	R\$ 15 mil	a	R\$ 18 mil
Diretores	- de	R\$ 20 mil	a	R\$ 30 mil
Presidentes	- de R\$ 40 mil a R\$ 60 mil			

Você é o seu projeto

As oportunidades no campo estão em toda parte: é hora de acelerar

Por Vera Ondeí

O Brasil é um país de poucos doutores. A afirmação pode soar estranha numa terra de tantos bacharéis e de garçons subservientes. Mas é verdade no tipo de doutor que conta: a relação por mil habitantes na idade entre 25 e 64 anos é de 1,4, um abismo se comparada à Suíça, com 23 doutores. Mas o governo federal quer mudar esse quadro. Em julho, a presidente Dilma Rousseff apresentou o **programa Ciência sem Fronteiras, que vai conceder 75 mil bolsas de estudo nos próximos quatro anos a estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores** através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Miguel da Rocha Cavalcanti

Origem: Rio de Janeiro
Idade: 33 anos

Graduação: engenharia agrônoma na Esalq/USP, de Piracicaba

Pós-graduação: abandonou a ideia de MBA por frequentes viagens ao Exterior, onde participou de cursos e congressos

Primeiro emprego: sócio da empresa Agripoint

Cargo atual: diretor da Beefpoint

Um feito: transformou a marca Beefpoint no principal site de pecuária de corte

Conselho: “Aprenda a escrever, a falar e a vender bem. Procure descobrir o que realmente gosta de fazer, e é bom que seja algo pelo qual você queira pagar”

Miguel da Rocha Cavalcanti, hoje diretor da consultoria Beefpoint, passou pela experiência da graduação sanduíche, patrocinada pela Capes, uma prática que tende a se tornar cada vez mais corriqueira com o Ciência sem Fronteiras. Em 1999, quando estava no segundo ano de agronomia, ele trancou o curso e foi para os Estados Unidos, onde permaneceu por um ano na Universidade do Arizona. “Com o intercâmbio, passei a querer mais de mim.”



Cavalcanti seria um típico alvo para os recrutadores da Cargill, fabricante americana do setor de alimentos, com 130 mil funcionários em 63 países. Há seis anos, a subsidiária brasileira criou um programa para garimpar talentos nas universidades. “Para trabalhar em nossas tradings é preciso vivência de campo e experiência internacional”, diz Neusa Duarte, gerente de RH da área de grãos. A Cargill mantém parceria com mais de 15 universidades no País. Em 2010, aprovamos 60 alunos para estágios e, neste ano, 90. “Cerca de 80% são contratados”, diz Neusa, que gerencia também o programa de trainees. “A formação desses quadros demanda mais tempo, cerca de cinco anos para que assumam uma gerência.” O economista Alexandre Salomão passou pela peneira e há 18 meses está montando, na China, a mesa de trading da Cargill. “Já mandamos trainees para os Estados Unidos, Egito e Europa”, afirma Neusa.